

Jornal da Comunidade

Edição: 411 | Segunda-feira, 24 de Agosto de 2026 | Periodicidade: Semanal



UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE

<https://www.uem.mz>

facebook.com/uemmoc

twitter.com/uemmoz

youtube.com/uemmoz



CS-OGET

Uma década a formar o futuro da energia

Há instituições que se medem pela idade. Outras, pelo impacto que conseguem produzir. O Centro Regional de Excelência em Estudos de Engenharia e Tecnologia de Petróleo e Gás (CS-OGET), da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), pertence claramente à segunda categoria.

Em apenas uma década, transformou-se num dos principais polos africanos de formação avançada e investigação aplicada na área da energia, contribuindo para reduzir um dos maiores constrangimentos que, historicamente, acompanharam o desenvolvimento do sector petrolífero moçambicano:

a escassez de recursos humanos altamente qualificados.

Os números traduzem essa trajetória. Mais de 200 mestres, cerca de 30 doutorados e uma centena de especialistas formados em programas regionais saíram das salas de aula e dos laboratórios do Centro. A

AINDA NESTA EDIÇÃO:

DIA DE ENSINO COM RECURSO À TECNOLOGIA

David Lamas defende transformação digital centrada no ecossistema universitário

Investigador da Universidade de Tallinn alerta que digitalizar processos não é suficiente e defende uma transformação que articule tecnologia, pessoas, cultura institucional, ensino, investigação e relação com a sociedade.

Produtos e Brindes da Marca UEM

Contacte:

(+258) 87 345 6444

(+258) 86 812 8858

cecoma@uem.ac.mz



recente acreditação internacional do Mestrado em Engenharia de Petróleo e Gás é sinónimo do reconhecimento da qualidade académica alcançada pela instituição.

Mas, para o Director do Centro, Prof. Doutor Luís Hélder Lucas, o verdadeiro legado não se resume às estatísticas. “A principal missão do Centro Regional de Excelência em Estudos de Engenharia e Tecnologia de Petróleo e Gás é, acima de tudo, apoiar os esforços da nossa Universidade na formação de técnicos qualificados, bem como realizar investigação aplicada e promover a inovação nos domínios da energia, com particular destaque para as áreas de petróleo e gás natural”.

Embora reconheça os progressos alcançados, o Director sublinha que a instituição encara esta primeira década como uma etapa de consolidação. “Acreditamos que sim. Temos vindo a dar passos nesse sentido. Obviamente, ainda não estamos completamente satisfeitos, pois temos muito por fazer. No entanto, acreditamos que o trabalho realizado, desde o início das nossas actividades, já apresenta resultados relevantes”.

Formação desenhada a partir das necessidades da indústria

Num sector em constante evolução tecnológica, manter os currículos alinhados com o mercado tornou-se uma prioridade estratégica.

Ao contrário do modelo tradicional, em que a universidade define isoladamente os programas académicos, o CS-OGET optou por construir os seus cursos em diálogo permanente com empresas, entidades reguladoras e especialistas da indústria.

Segundo Luís Hélder Lucas, esta articulação começa ainda na fase de concepção curricular. “Fazer o alinhamento com as necessidades do mercado significa, desde o primeiro momento, envolver os diferentes sectores e parceiros ligados à indústria, incluindo os órgãos reguladores. Temos vindo a fazer isso desde o início, nomeadamente no desenvolvimento dos próprios currículos”, disse.

Esse contacto não termina com a aprovação dos cursos. “Ao longo da implementação dos cursos, continuamos também a envolver a indústria. Temos momentos em que os nossos parceiros são convidados a partilhar a sua experiência através de seminários e outras actividades académicas”, acrescentou.

O resultado é uma formação concebida



Hebert Mukoya

para responder às necessidades concretas do mercado de trabalho, realidade que se reflecte na integração profissional dos graduados.

Embora o estudo sobre empregabilidade ainda esteja em fase de conclusão, o Director assegura que os sinais são encorajadores. “Temos, contudo, a percepção de que os nossos graduados são bem aceites, tanto dentro como fora do país”, destacou.

Um centro que começa a atrair África

A crescente internacionalização é outro indicador da maturidade alcançada pelo Centro. Estudantes provenientes de vários países africanos procuram, actualmente, a UEM para frequentar programas de Mestrado e Doutoramento. Muitos regressam aos seus países para integrar empresas petrolíferas, organismos públicos e instituições de investigação.

Entre os casos mais recentes, destacam-se doze estudantes do Níger, cujas bolsas são financiadas pela Empresa Nacional de Petróleo daquele país.

Para Luís Hélder Lucas, este interesse internacional resulta também do processo de acreditação dos cursos. “Conseguimos uma acreditação regional do nosso curso de Engenharia de Petróleo e Gás, o que, certamente, aumenta a nossa visibilidade e abre as portas para uma maior projecção fora das nossas fronteiras”.

Hebert Mukoya, de Uganda, concluiu o mestrado, na UEM, em 2018. Anos depois

de deixar o Centro, continua a recorrer aos conhecimentos adquiridos durante a formação para responder a problemas concretos do sector de petróleo e gás.

A passagem pelo CS-OGET proporcionou-lhe uma base técnica em engenharia de reservatórios, produção, análise e avaliação de dados, simulação e economia de projectos. São competências que, segundo o antigo estudante, permanecem presentes no seu quotidiano profissional. “Aplico esses conhecimentos regularmente nas minhas responsabilidades, por exemplo, na revisão de modelos enviados pelas operadoras, na análise de dados de pressão de poços de desenvolvimento e na avaliação do desempenho da produção de petróleo”, explica Mukoya.

O testemunho ajuda a traduzir em resultados concretos aquilo que o Director do CS-OGET, Prof. Doutor Luís Hélder Lucas, define como a razão de ser da instituição: formar técnicos qualificados, desenvolver investigação aplicada e promover inovação nos domínios da energia, particularmente no petróleo e gás natural.

Porém, para o Director, os resultados alcançados não significam que a missão esteja concluída. A primeira década é encarada sobretudo como uma etapa de consolidação de um projecto que ainda tem espaço para crescer. “Temos vindo a dar passos nesse sentido. Obviamente, ainda não estamos completamente satisfeitos, pois temos muito por fazer. No entanto, acreditamos que o trabalho realizado desde o início das nossas actividades já apresenta resultados relevantes”, afirma.

Uma formação que permanece depois do diploma

A experiência de Stella Tgonza Jowanita, igualmente de Uganda, reforça essa dimensão prática da formação.

Para a antiga estudante, o programa não se limitou à transmissão de conhecimentos teóricos. A combinação entre teoria e aplicação prática tornou-se um recurso que continua a utilizar no exercício das suas funções. “O programa do Centro de Excelência em Petróleo e Gás proporcionou-me uma base sólida, tanto em termos de conhecimentos teóricos como de aplicações práticas, que utilizo no meu trabalho diário. Graças à experiência que adquiri no Centro de Excelência, consigo desempenhar as minhas funções com maior eficácia”, afirma.

É precisamente esta ligação entre conhecimento e capacidade de intervenção profissional que constitui um dos indicadores do impacto do CS-OGET. Os testemunhos dos antigos estudantes mostram uma cadeia que começa na formação universitária e se prolonga na análise de dados, avaliação de projectos, gestão de reservatórios, produção e tomada de decisões técnicas na indústria.

Currículos construídos com a indústria

Num sector caracterizado por rápidas transformações tecnológicas, o CS-OGET procura evitar que a formação académica evolua separada das necessidades do mercado.

Por isso, empresas, entidades reguladoras e especialistas da indústria são envolvidos desde a concepção dos programas curriculares. O diálogo prossegue durante a implementação dos cursos, através de seminários e outras actividades académicas com profissionais do sector. “Fazer o alinhamento com as necessidades do mercado significa, desde o primeiro momento, envolver os diferentes sectores e parceiros ligados à indústria, incluindo os órgãos reguladores”, explica Luís Hélder Lucas.

Essa filosofia esteve presente na criação de alguns dos principais programas do Centro. O Mestrado em Engenharia de Petróleo foi desenvolvido com apoio da Anadarko e de universidades norte-americanas; o Mestrado em Engenharia de Processamento contou com a participação da Sasol; e o curso de Saúde, Segurança e Ambiente



Stella Tgonza Jowanita

beneficiou da colaboração de uma empresa francesa especializada no sector petrolífero. “Não desenvolvemos os nossos currículos apenas com base na componente académica. Procuramos, igualmente, incorporar as necessidades e as expectativas do mercado”, sublinha o Director.

Se a formação constitui um dos pilares do Centro, a investigação aplicada representa o segundo eixo da sua actividade.

A produção científica desenvolvida pelo CS-OGET procura responder, directamente, às necessidades da indústria, incidindo sobre engenharia de petróleo, geociências, engenharia de reservatórios, produção e processamento.

Segundo o Director, o objectivo consiste em transformar conhecimento em soluções tecnológicas. “A nossa investigação tem um carácter essencialmente aplicado. Ela orienta-se, fundamentalmente, para as áreas de formação do Centro, que incluem a Engenharia de Petróleo, as Geociências, a engenharia de reservatórios, a produção e o melhoramento das técnicas de produção de petróleo e gás”.

Nos últimos anos, porém, o Centro passou a olhar para desafios que ultrapassam o universo tradicional dos hidrocarbonetos. “Olhamos também com particular atenção para outras áreas, nomeadamente a transição energética, os biocombustíveis, os materiais críticos e a mineração sustentável. Portanto, estamos a nos tornar mais abrangentes nas temáticas que investigamos e

acreditamos que estamos a responder às necessidades do próprio mercado”.

A aproximação às empresas não se limita à realização de estágios ou seminários. Os próprios programas académicos nasceram em estreita colaboração com multinacionais do sector energético.

O futuro começa agora

A próxima década será marcada pela consolidação dos resultados alcançados e pela expansão da presença regional do Centro.

Entre as prioridades estão o fortalecimento da cooperação académica, a abertura de novos cursos, o apoio a outras instituições de ensino superior – como o Instituto Superior Politécnico de Tete, na implementação do Mestrado em Mineração Sustentável – e a diversificação das fontes de financiamento. “A nossa visão para o futuro assenta, em primeiro lugar, na consolidação do trabalho que temos vindo a desenvolver. Temos um plano de sustentabilidade para os próximos cinco anos. Como Centro Regional, temos uma perspectiva que abrange não só o país, mas também a região”.

Mas o Director reconhece que os próximos passos exigirão investimento. “Queremos também continuar a melhorar as nossas condições de trabalho. Precisamos de mais infra-estruturas e de melhores condições laboratoriais. Precisamos, igualmente, de reforçar a nossa capacidade financeira”.

DIA DE ENSINO COM RECURSO À TECNOLOGIA

David Lamas defende transformação digital centrada no ecossistema universitário

- Investigador da Universidade de Tallinn alerta que digitalizar processos não é suficiente e defende uma transformação que articule tecnologia, pessoas, cultura institucional, ensino, investigação e relação com a sociedade

A transformação digital das universidades deve ir além da simples digitalização de processos, serviços e procedimentos administrativos e concentrar-se, sobretudo, naquilo que a tecnologia pode, efectivamente, transformar no ensino, na investigação, na extensão e na relação da Universidade com a sociedade.

A reflexão foi apresentada pelo investigador da Universidade de Tallinn, Professor Doutor David Lamas, durante a palestra principal da 6.ª edição do Dia de Ensino com Recurso à Tecnologia, promovido pelo Centro de Informática da Universidade Eduardo Mondlane (CIUEM), sob o lema “Da Cooperação à Inovação: caminhos para a transformação digital na UEM”.



Professor Doutor David Lamas

investigação e a extensão ou, pelo contrário, limitar a sua concretização; enquanto a relação da Universidade com empresas e comunidades pode gerar, simultaneamente, oportunidades de aprendizagem, investigação, inovação e empreendedorismo.

Digitalizar não significa, necessariamente, transformar

É neste quadro que David Lamas propõe uma mudança de perspectiva: em vez de se perguntar apenas o que deve ser digitalizado, a Universidade deve questionar o que pretende tornar possível através da tecnologia.

O investigador advertiu que qualquer alteração introduzida numa das componentes do ecossistema universitário pode desencadear efeitos noutras áreas, alguns previsíveis e outros inesperados. Por isso, a transformação digital exige uma visão integrada, capaz de compreender as interdependências existentes dentro da instituição.

A Universidade, acrescentou, não parte de um vazio. Possui uma história, regulamentos, estatutos, recursos, infra-estruturas,

competências acumuladas, estruturas organizacionais e uma cultura institucional própria. Todos esses elementos condicionam tanto as opções disponíveis como o ritmo das mudanças.

Neste sentido, Lamas rejeita a existência de uma fórmula universal que possa ser, simplesmente, importada e aplicada a qualquer instituição.

Segundo o académico, não existe um modelo único de transformação digital, porque cada universidade possui condições, necessidades e prioridades específicas. Entre os factores determinantes, apontou a regulamentação, a cultura institucional, os recursos disponíveis, as infra-estruturas tecnológicas, as competências existentes, as estruturas e processos organizacionais, a coordenação interna e, sobretudo, a liderança. “É importante reflectir sobre o tipo de universidade que se pretende para criar o impacto que se ambiciona; reflectir sobre novas formas de trabalhar, sobre o tipo de serviços e sobre o tipo de relações que se pretende estabelecer com estudantes, docentes, a sociedade e parceiros. Deve-se pensar no que se pode transformar para se chegar lá”, afirmou.

Para David Lamas, um dos principais equívocos associados à transformação digital consiste em tratá-la, essencialmente, como uma questão tecnológica. No contexto universitário, explicou, qualquer intervenção ocorre dentro de um ecossistema complexo, constituído por pessoas, normas, estruturas, infra-estruturas, competências e relações que se influenciam mutuamente.

Segundo o investigador, no ecossistema académico, nenhuma componente funciona de forma completamente isolada. Uma decisão administrativa pode facilitar ou dificultar um projecto de investigação; uma infra-estrutura tecnológica pode criar novas possibilidades para o ensino, a



Prof. Doutor Mohsin Sidat

UEM procura transformar infra-estruturas em capacidade institucional

Na abertura do evento, o Vice-Reitor para Administração e Recursos, Prof. Doutor Mohsin Sidat, convergiu com esta perspectiva ao defender que a transformação digital da UEM não deve ser encarada como um conjunto de iniciativas dispersas, mas como uma mudança institucional coordenada, orientada pelo Plano Estratégico e pelo *Master Plan* de Transformação Digital. Segundo o Vice-Reitor, a Universidade tem vindo a criar bases tecnológicas e institucionais para sustentar esse processo.

Apontou, entre os exemplos, o recém-criado Centro de Dados, destinado a reforçar a capacidade de armazenamento e processamento de informação, a segurança e a continuidade dos serviços digitais da Universidade; o Laboratório de Robótica e Automação; e a Sala do Futuro, que amplia as possibilidades de experimentação, investigação aplicada e aproximação às escolas secundárias parceiras.

Para Mohsin Sidat, estas infra-estruturas não devem funcionar como iniciativas isoladas. Devem integrar um mesmo ecossistema e colocar a tecnologia ao serviço da formação, da produção científica e da procura de respostas para os problemas do País.

O Vice-Reitor advertiu, contudo, que a disponibilidade de equipamentos, plataformas e infra-estruturas digitais não é suficiente para transformar a educação.

A verdadeira mudança, explicou, ocorre quando a tecnologia produz efeitos concretos na experiência académica: quando uma plataforma reduz barreiras de acesso; quando os recursos digitais tornam a aprendizagem mais acessível; quando as ferramentas tecnológicas ajudam docentes a identificar dificuldades dos estudantes; e, sobretudo, quando estes deixam de ser meros consumidores de tecnologia e passam a utilizá-la para criar conhecimento e desenvolver soluções para problemas concretos.

Esta perspectiva coloca estudantes e docentes no centro da transformação digital e desloca o debate da simples aquisição de tecnologia para a capacidade de a



Universidade utilizá-la para melhorar os seus processos fundamentais.

A 6.ª edição do Dia de Ensino com Recurso à Tecnologia foi antecedida por um conjunto de oficinas de produção de conteúdos educativos, realizadas nos dias 11, 13 e 19 de Agosto, envolvendo docentes, investigadores e estudantes.

As actividades abordaram três dimensões consideradas relevantes no actual contexto de transformação do ensino superior: produção de conteúdos interactivos para o ensino, integridade académica na era da Inteligência Artificial e promoção de aulas interactivas através da plataforma Vula.

No total, as oficinas mobilizaram 137 participantes. Destes, 54 participaram nas actividades dedicadas aos conteúdos interactivos, 60 na sessão sobre integridade académica na era da Inteligência Artificial

e 23 na oficina sobre utilização da plataforma Vula.

Para o Director do CIUEM, Doutor Luís Neves, a adesão registada demonstra que a comunidade universitária está interessada não apenas no debate conceptual sobre transformação digital, mas também em ferramentas capazes de responder a necessidades concretas do processo de ensino e aprendizagem.

Os números das oficinas constituem, neste sentido, um indicador da procura por espaços de capacitação que permitam aos docentes, investigadores e estudantes experimentar tecnologias, desenvolver conteúdos e compreender as oportunidades e os desafios associados à crescente utilização da Inteligência Artificial no ambiente académico.

INVESTIGAÇÃO, INOVAÇÃO E MOBILIDADE ACADÉMICA

UEM e Universidade de Coimbra aprofundam parceria

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e a Universidade de Coimbra (UC) deram, na Quarta-feira (19), um novo impulso à histórica relação de cooperação entre as duas instituições, com a assinatura de um Memorando de Entendimento que alarga as possibilidades de colaboração nas áreas do ensino, investigação científica, inovação tecnológica e intercâmbio cultural.

O acordo foi rubricado pelo Reitor da UEM, Prof. Doutor Manuel Guilherme Júnior, e pelo Vice-Reitor da UC, Prof. Doutor João Nuno da Silva, e estabelece um quadro de cooperação orientado para a mobilidade de docentes, investigadores, estudantes e técnicos, a realização de projectos científicos conjuntos e o desenvolvimento de iniciativas de interesse comum.

Entre as principais linhas de força do memorando destacam-se o intercâmbio académico e profissional, a participação conjunta nas actividades da Cátedra UNESCO “Património”, o desenvolvimento de projectos colaborativos de investigação, bem como a partilha de infra-estruturas científicas, incluindo laboratórios, equipamentos especializados e recursos bibliográficos, criando

condições para potenciar a produção de conhecimento e a inovação.

A parceria prevê, igualmente, o reforço da cooperação cultural, consolidando uma relação institucional assente na partilha de conhecimento e na valorização do património científico e académico.

Durante a cerimónia, o Reitor da UEM destacou que o memorando abre novas



oportunidades para projectos estratégicos que a Universidade vem desenvolvendo, sobretudo nas áreas da inovação, transformação digital e formação em saúde.

Segundo Manuel Guilherme Júnior, a cooperação poderá imprimir uma nova dinâmica à Incubadora de Negócios da UEM e ao Centro de Dados, recentemente

inaugurado e concebido de acordo com padrões internacionais, criando condições para o desenvolvimento de iniciativas conjuntas em investigação, empreendedorismo e tecnologias digitais. “Algo pode ser feito em conjunto nestas áreas de cooperação, até porque, hoje em dia, o mundo caminha nesta direcção. Quanto à área de

enfermagem, importa salientar que estamos num exercício de criar uma Escola de Enfermagem em Nampula”, explicou.

Por sua vez, o Vice-Reitor da Universidade de Coimbra sublinhou que o memorando representa a consolidação de uma relação construída ao longo de vários anos de colaboração entre as duas universidades.

João Nuno da Silva destacou que a parceria assenta numa visão comum sobre o papel das universidades na produção de conhecimento e na resposta aos desafios do desenvolvimento, identificando as ciências do desporto, a saúde e a tecnologia entre as áreas com maior potencial de cooperação. “A UEM é a maior universidade de Moçambique e tem laços históricos e de amizade com a UC, para além de explorar várias áreas de interesse comum, tais como as ciências do desporto, a saúde e a tecnologia”, sublinhou.

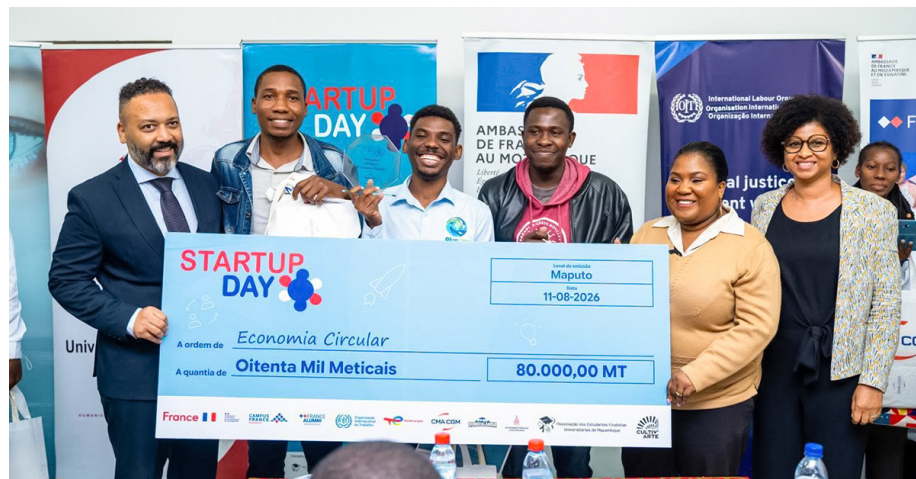
Estudantes da ESCMC conquistam *Startup Day* 2026

- Projecto BleuGeo vence a categoria de Economia Circular, ao apresentar uma solução inovadora para transformar resíduos em fertilizantes

Uma solução inovadora que transforma resíduos orgânicos em fertilizantes sustentáveis valeu a uma equipa de estudantes e graduados da Escola Superior de Ciências Marinhas e Costeiras (ESCMC), da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), a conquista do primeiro lugar na categoria de Economia Circular da 3.ª edição do *Startup Day* 2026, cuja final teve lugar a 11 de Agosto, em Maputo.

Denominado BleuGeo, o projecto propõe uma abordagem inovadora para a valorização de resíduos orgânicos, convertendo-os em fertilizantes destinados à produção agrícola. A iniciativa alia inovação, ciência

e sustentabilidade, contribuindo simultaneamente para a redução de resíduos, a melhoria da fertilidade dos solos e a promoção de práticas agrícolas mais amigas do ambiente.



A distinção coloca a UEM entre as instituições de ensino superior com maior capacidade de gerar soluções inovadoras para os desafios do desenvolvimento sustentável, numa competição que reuniu alguns dos mais promissores projectos de empreendedorismo jovem em Moçambique.

A grande final do *Startup Day* foi promovida pela Embaixada da França em Moçambique, em parceria com a Universidade Politécnica – A Politécnica, a Associação dos Estudantes Finalistas Universitários de Moçambique (AEFUM) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT), contando, ainda, com o apoio do Campus France e da France Alumni. A iniciativa enquadra-se no Fundo Équipe France #Mozinkub, programa que visa estimular o empreendedorismo e apoiar o desenvolvimento de soluções inovadoras concebidas por jovens moçambicanos.

Nesta terceira edição, 142 candidaturas foram submetidas nas áreas de Economia Circular, Indústrias Culturais e Criativas e Transição Energética. Após um rigoroso processo de selecção, apenas 11 projectos chegaram à fase final.

Antes da apresentação pública, os finalistas participaram numa semana intensiva de capacitação conduzida pela Dondzalândia, durante a qual aprofundaram conhecimentos sobre desenvolvimento de modelos de negócio, utilizando a metodologia Business Model Canvas, e aperfeiçoaram as técnicas de apresentação dos seus projectos (pitch) perante potenciais investidores e parceiros.

Na sessão final, o BleuGeo destacou-se pela qualidade da proposta, pela relevância ambiental e pelo potencial de aplicação prática, conquistando o júri e arrecadando o prémio de 80 mil meticais, valor destinado ao desenvolvimento e consolidação da iniciativa.

O projecto foi desenvolvido por sete estudantes e graduados da ESCMC, provenientes de diferentes áreas das Ciências Marinhas: Stélio de Jesus Santiago, Edite Salvador Ângelo Chapéu e Stélio Pedro Tomé, Oceanógrafos; Élio Belito Luís, Biólogo Marinho; Moisés Ratisso Sairrosse, Químico Marinho; Nésio Niquice, Geólogo Marinho; e André António, Oceanógrafo.

A diversidade científica da equipa permitiu integrar conhecimentos de Oceanografia, Biologia Marinha, Química Marinha e

Geologia Marinha na concepção de uma solução inovadora que responde, em simultâneo, a desafios ambientais, agrícolas e económicos.

A conquista foi recebida com grande satisfação pelos membros da equipa, que destacaram o significado do reconhecimento e o potencial do BleuGeo para responder a desafios ambientais e contribuir para o desenvolvimento sustentável do país.

Para Stélio de Jesus Santiago, recém-graduado da ESCMC, a conquista representa um motivo de grande satisfação e, sobretudo, um reconhecimento do potencial transformador do projecto.

Acrescentou que a distinção demonstra também a capacidade da UEM de formar jovens com espírito empreendedor e preparados para encontrar respostas aos desafios do país.

Por sua vez, Stélio Pedro Tomé, ainda estudante da ESCMC, considera que a vitória ultrapassa a dimensão de um prémio, por representar uma oportunidade concreta para transformar conhecimento e criatividade numa solução com potencial de impacto.

Para o director da ESCMC, Prof. Doutor Avelino Langa, a conquista reflecte o compromisso da instituição com uma formação que articula conhecimento científico, inovação e empreendedorismo.

Sublinhou, igualmente, a importância de iniciativas que proporcionam aos estudantes oportunidades para transformar os conhecimentos adquiridos durante a formação em soluções concretas e com potencial de aplicação prática.

UEM gradua 273 estudantes em três cerimónias

- Mulheres representam 56,4 por cento dos finalistas; Desenvolvimento Rural concentra o maior número de graduados

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM) vai graduar, entre os dias 26 e 29 de Agosto de 2026, um total de 273 estudantes, em três cerimónias envolvendo a Escola Superior de Desenvolvimento Rural (ESUDER), a Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane (ESHTI) e a Escola Superior de Negócios e Empreendedorismo (ESNEC).

Dos 273 graduados, 154 são mulheres, correspondentes a 56,4 por cento, e 119 são homens, equivalentes a 43,6 por cento, confirmando a predominância feminina no conjunto das três cerimónias.

A maior cerimónia realiza-se no dia 26 de Agosto, envolvendo 141 graduados, dos quais 73 mulheres e 68 homens. Segue-se a cerimónia de 29 de Agosto, com 75 graduados, e a de 28 de Agosto, com 57.

ESUDER concentra mais de metade dos graduados

Na cerimónia de 26 de Agosto, serão graduados 141 estudantes, representando cerca de 51,6 por cento do total das três cerimónias.

Destes, 136 concluem cursos de licenciatura e cinco o Mestrado em Agricultura Sustentável. A Escola Superior de Desenvolvimento Rural responde por 137 graduados, enquanto quatro pertencem à Faculdade de Letras e Ciências Sociais, no curso de Administração Pública.

Entre as licenciaturas ministradas na ESUDER, o de Economia Agrária apresenta o

maior número de finalistas, com 39, seguida de Engenharia Rural, com 24.

Os cursos de Licenciatura em Comunicação e Extensão Rural e Produção Animal contam com 19 graduados cada, Agro-Processamento com 18, Produção Pesqueira com oito e Produção Agrícola com cinco. A estes, juntam-se cinco graduados do

Mestrado em Agricultura Sustentável.

Hotelaria e Turismo gradua 57 estudantes

A cerimónia marcada para 28 de Agosto reúne 57 graduados, todos ao nível de licenciatura. 33 são mulheres, correspondentes



a 57,9 por cento, e 24 são homens, equivalentes a 42,1 por cento.

A Escola Superior de Hotelaria e Turismo representa o maior número, com 47 graduados, enquanto os restantes dez estão distribuídos pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Faculdade de Educação e Faculdade de Economia.

Na ESHTI, Animação Turística apresenta 11 graduados; Gestão de Mercados Turísticos e Gestão Hoteleira, dez cada; Gestão, oito; Informação Turística, sete; e Finanças, um.

ESNEC apresenta maior participação feminina

A terceira cerimónia, marcada para 29 de Agosto, reúne 75 graduados, todos ao nível de licenciatura.

É neste grupo que se regista a maior participação feminina das três cerimónias. Dos 75 graduados, 48 são mulheres, correspondentes a 64 por cento, e 27 são homens, equivalendo a 36 por cento.

A Escola Superior de Negócios e Empreendedorismo responde por 73 graduados, enquanto dois pertencem à Faculdade de

Letras e Ciências Sociais, concretamente ao curso de Administração Pública.

Os cursos de licenciatura em Finanças e Gestão de Empresas apresentam o maior número de graduados, com 20 cada, seguindo-se o de Gestão Comercial, com 19, Agro-Negócios, com oito, e Agricultura Comercial, com seis.

Também, neste grupo, é expressiva a participação das mulheres. Elas representam 15 dos 20 graduados em Gestão de Empresas, 12 dos 20 em Finanças, dez dos 19 em Gestão Comercial e seis dos oito em Agro-Negócios.

UEM e UniZambeze discutem revisão dos Estatutos Jurídicos

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e a Universidade Zambeze (UniZambeze) encontram-se em processo de revisão e elaboração das propostas dos seus Estatutos de funcionamento. Na Quinta-feira (20), os Gabinetes Jurídicos das duas instituições reuniram-se, num intercâmbio jurídico, para debater aspectos estruturantes relacionados com o funcionamento das duas universidades públicas de ensino superior.



Entre os principais assuntos em discussão estiveram as normas de funcionamento das instituições e a operacionalização dos seus órgãos colegiais.

No caso da UEM, os actuais Estatutos de funcionamento remontam a 1995, tendo sido aprovados pelo Conselho de Ministros

então vigente. Face às transformações registadas pela instituição ao longo das últimas décadas, os documentos normativos carecem de um ajustamento que permita responder aos desafios da actualidade.

Segundo explicou o Director do Gabinete Jurídico da UEM, Lic. João Pascoal, os

actuais Estatutos já não respondem plenamente à realidade da Universidade, uma vez que a Instituição registou um crescimento significativo nos diferentes sectores da vida académica, tornando necessária a adequação dos seus instrumentos normativos à realidade actual.

Outro dos pontos em debate está relacionado com a Presidência do Conselho Universitário. De acordo com o Director do Gabinete Jurídico, ainda não existe consenso em torno do modelo de direcção deste órgão. Enquanto algumas posições defendem que o Conselho Universitário deveria ser presidido por uma entidade externa à Universidade, outras defendem a manutenção do modelo actualmente em vigor. “Alguns entendem que este órgão deve ser presidido por alguém que, efectivamente, tenha sensibilidade com Universidade, ao invés de trazer alguém externo, sem a mesma sensibilidade”, explicou.

A questão da nomeação ou eleição dos Directores das Faculdades e Escolas pelos Reitores foi, igualmente, analisada durante o encontro, com vista à sua inclusão e regulamentação na nova proposta dos Estatutos, actualmente em fase de elaboração.

O intercâmbio entre os Gabinetes Jurídicos da UEM e da UniZambeze visa, assim, promover a partilha de experiências e contribuir para o aperfeiçoamento dos instrumentos jurídicos que orientam o funcionamento das duas instituições de ensino superior.

FICHA TÉCNICA

Director: Adão Matimbe

Editor: Cezinando Gabriel

Redação: Carlos Macuacua e Deuladeu Domingos

Revisão Linguística: Prof. Doutor Eliseu Mabasso

Layout: Nelson Gemo

Fotografia: Boaventura Mandlate

Contacto:

Centro de Comunicação e Marketing da UEM (CECOMA)

Campus Universitário Principal

Av. Julius Nyerere, nr. 3453, Maputo

+258 (21) 430239 | cecoma@uem.ac.mz

www.jornal.uem.mz